

A SOCIOECONOMIA DO DISTRITO DE IRRIGAÇÃO FORMOSO (DIF) EM BOM JESUS DA LAPA (BA): OS IMPACTOS DAS ATIVIDADES GEOECONÔMICAS E O TRABALHO DOS AGRICULTORES FAMILIARES

Maria Aparecida Brito Oliveira* Mestra em Geografia. IF Baiano - Campus Bom Jesus da Lapa. E-mail: maria.oliveira@ifbaiano.edu.br

Carivaldo Pereira Neves Neto Curso Técnico em Informática. IF Baiano - Campus Bom Jesus da Lapa. E-mail: netocarivaldoneto@gmail.com

Jaiane Dias Espínola Curso Técnico em Informática. IF Baiano - Campus Bom Jesus da Lapa. E-mail: jaianediasespinoia2016@gmail.com

Maria Vitória de Lima Batista Curso Técnico em Informática. IF Baiano - Campus Bom Jesus da Lapa. E-mail: vl4063425@gmail.com

* Autor correspondente

RESUMO

Este artigo apresenta os resultados de um Projeto de Iniciação Científica cuja abordagem retrata a socioeconomia do Distrito de Irrigação Formoso (DIF) em Bom Jesus da Lapa (BA), com destaque para os impactos das atividades geoeconômicas e o trabalho dos agricultores familiares. O projeto analisou as principais dificuldades vivenciadas pelos produtores familiares na comercialização da banana, com o intuito de minimizar as dificuldades encontradas na produção e comercialização do fruto. Para essa análise foram utilizados os seguintes instrumentos de pesquisa: questionários semiestruturados, entrevistas com os produtores e lideranças de associações de produção, observação participante e palestra na sede do DIF. A partir da análise dos instrumentos e dos encontros com os produtores constatou-se que os principais problemas que afetam a produtividade estão voltados para a assistência técnica e a dificuldade com gastos na produção (insumos, contas de água, uso de aeronaves no controle de pragas). Além disso, verificou-se que não há uma produção tipicamente de agricultura familiar no Projeto Formoso, apesar de muitos trabalharem no sistema familiar. Sendo assim, trata-se de pequenos e médios micro-empresários que produzem no seu lote e adquirem renda com a comercialização do fruto. Foi possível identificar também que esses estão na dependência da monocultura da banana e encontram dificuldades na articulação política, especialmente em formar e manter associações, encontrando muitos empecilhos na resolução dos problemas.

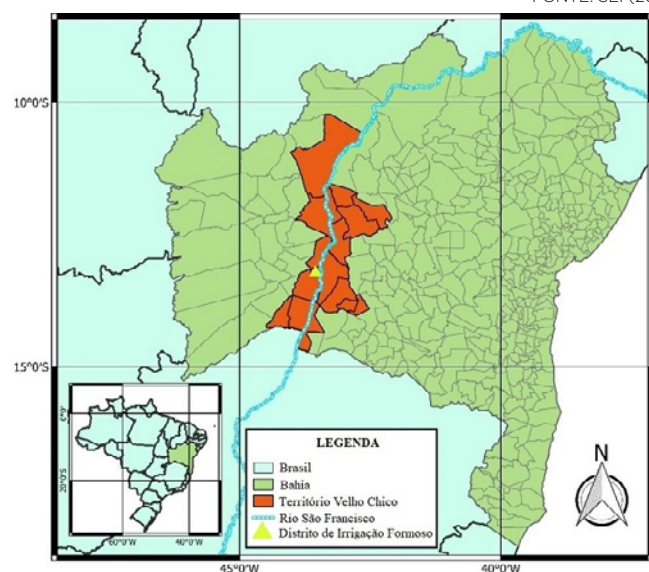
Palavras-chave: Agricultura Familiar; Associativismo; Economia; Produção.

INTRODUÇÃO

O presente artigo é fruto de um Projeto de Iniciação Científica que teve como perspectiva contribuir para o campo de investigação relacionado à realidade do Distrito de Irrigação Formoso (DIF) localizado no Território do Velho¹ (Figura 1), especificamente no município de Bom Jesus da Lapa - BA e que até meados de 2018 possuía o título de município com a maior produção de banana do Brasil, com cerca de 170 mil toneladas (IBGE, 2018). Buscou-se com este trabalho fazer uma avaliação crítica da realidade socioeconômica dos agricultores familiares residentes no referido recorte geográfico.

Figura 1 - Localização do Distrito de Irrigação Formoso à margem esquerda do Rio São Francisco em Bom Jesus da Lapa - BA.

FONTE: SEI (2000)



Elaboração Própria

A iniciativa por esse estudo partiu da inserção dos estudantes do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano - Campus Bom Jesus da Lapa no próprio espaço de pesquisa cujas vivências inspiraram a elaboração do projeto, além das observações diárias, pois estes mesmos estudantes/pesquisadores residem neste espaço e são filhos de pequenos agricultores que enfrentam cotidianamente os problemas voltados à produção. São sujeitos cujas inquietações perpassam não somente o aprendizado educacional, visando a qualificação científica inicial, mas se ampliam por suas próprias experiências no âmbito local e familiar.

As inquietações iniciais levaram a observar que os produtores, sendo considerados pequenos agricultores, convivem no mesmo espaço que grandes produtores (empresários agrícolas) dispendo de menores condições econômicas e sociais de sobrevivência no que diz respeito especialmente à tecnologia adotada, assistência técnica, acesso a crédito e de modo especial, a comercialização, negociação, transporte, venda, variação descontrolada do preço do produto, entre outros. A observação destas questões possibilitou refletir como esta realidade impacta na produção familiar trazendo, muitas vezes, enormes prejuízos à própria renda do agricultor e sua participação na economia local. Em resumo, os pequenos não conseguem competir em igualdade de condições com os grandes produtores que possuem lotes maiores, dispõem de maior tecnologia, renda, acesso à assistência técnica, ao crédito, entre outras questões.

Justifica-se a importância da realização desta investigação para compreender as condições de produtividade, sustentabilidade e viabilidade econômica dos pequenos produtores inseridos no Distrito de Irrigação Formoso, bem como, buscar soluções operativas para melhorar a situação geoeconômica dos mesmos.

¹ O Território do Velho Chico é composto por 16 municípios sendo eles: Barra, Bom Jesus da Lapa, Brotas de Macaúbas, Carinhanha, Feira da Mata, Ibotirama, Igaporã, Malhada, Matina, Morpará, Muquém do São Francisco, Oliveira dos Brejinhos, Paratinga, Riacho de Santana, Serra do Ramalho e Sítio do Mato

MATERIAIS E MÉTODOS

A pesquisa metodologicamente foi dividida em três momentos: i) pesquisa exploratória, ii) pesquisa bibliográfica/documental e iii) pesquisa de campo, que guardaram entre si relação de complementariedade.

A etapa de pesquisa exploratória foi realizada no ambiente de execução do projeto (o Distrito de Irrigação Formoso) com o objetivo de fazer uma aproximação entre os integrantes do grupo e os produtores, ou seja, uma maior familiaridade com o universo de pesquisa. Durante essa etapa, o objeto de estudo foi sendo aperfeiçoado e iniciou-se a elaboração dos instrumentos de pesquisas, como os questionários e roteiros de entrevistas. Para tanto, foi realizada uma sondagem com os representantes/gestores do DIF, o ex-coordenador da assistência técnica da região a partir de uma visita na sede do distrito, tendo como resultado a constatação de que o Formoso sofre com a falta de assistência técnica desde 2008 fruto da ausência de verbas governamentais direcionadas à área. Este momento foi crucial para coleta de dados e para o entendimento sobre o papel do Distrito, a exemplo da manutenção dos sistemas de estradas, canais, drenos e bombeamento de água. Nesta visita observou-se a dimensão geográfica do espaço e as responsabilidades de gestão da estrutura da área irrigável, com cerca de 1.162 produtores assentados, sendo 913 pequenos produtores e 249 médios e grandes produtores. Constatou-se que a área total é de 19.500 ha, sendo 12.100 ha irrigáveis, além disso, possui mais de 82 km de canais de irrigação, 288 km de estradas, 2 estações de bombeamento e 29 unidades de estação de pressurização, toda esta estrutura dividida em diversos setores em duas grandes áreas denominadas de: Formoso A e Formoso H.

Os lotes que são considerados “familiares” (913 lotes) contemplam uma área de 4.700 ha, enquanto que os lotes “empresariais” (249 lotes) ocupam uma área de 7.400 ha. Os Gráficos 1 e 2 apresentam que a categoria “agricultor familiar” ocupa o maior número de lotes, cerca de 78,6% do total, enquanto que os lotes “empresariais” representam somente 21,4%. No entanto, apesar do maior número de lotes familiares a área ocupada por eles é menor, representando apenas 38,8% do espaço do DIF, ou seja, 4.700 ha. Já a área empresarial que possui menor número de lotes (21,4%) ocupa a maior extensão de terras voltadas à produção com 61,2% do total ou 7.400 ha. Esta evidência refuta dados referentes a proposta inicial do distrito que seria promover o desenvolvimento regional e inserção da população de agricultores nos vales férteis da Bacia do Rio São Francisco, conforme aponta o trabalho de Coelho Neto (2004). Os dados ainda evidenciam uma desproporção típica das condições de acesso à terra na região, muitos com pouca ou nenhuma terra e poucos com muita terra.

Gráfico 1 - Distribuição do percentual de lotes no DIF.

FONTE: Pesquisa de Campo, 2018.

Gráfico 1- Distribuição do percentual de lotes no DIF.

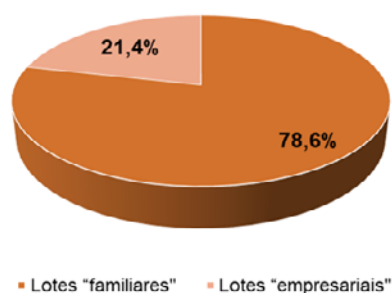
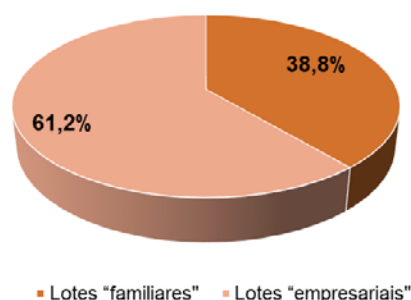


Gráfico 2 - Área ocupada pelos lotes no DIF.

FONTE: Pesquisa de Campo, 2018.

Gráfico 2- Área ocupada pelos lotes no DIF



Durante a etapa de pesquisa bibliográfica/documental foram feitos levantamentos de dados e informações sobre o Formoso, buscando em diferentes fontes, sites governamentais, dissertações, relatórios institucionais e do distrito de irrigação, entre outros. Também realizou-se um estudo sobre metodologias participativas afim de aprofundar os métodos para a realização do trabalho de campo com agricultores. Entre as principais bibliografias consultadas estão: a dissertação do autor Demétrio Pascoal com o título “Impactos Socioeconômicos e Ambientais no Município de Bom Jesus da Lapa-BA”, a dissertação de Agripino Souza Coelho Neto intitulada “As repercussões espaciais das políticas de irrigação no Vale do São Francisco: uma análise do Projeto de Irrigação Formoso no Município de Bom Jesus da Lapa (Ba)”, o Diagnóstico Socioeconômico e Ambiental do Perímetro de Irrigação Formoso produzido pela Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e do Parnaíba (Codevasf) no ano de 2008 e o Manual de Metodologias Participativas para o Desenvolvimento Comunitário, além de artigos sobre associativismo e agricultura familiar. Os dados coletados serviram para entender como funciona a produção no Projeto Formoso, qual o seu histórico e as maiores dificuldades que os pequenos produtores enfrentam diariamente nas propriedades.

A terceira e última etapa consistiu na pesquisa de campo em que foram aplicados questionários semi-estruturados com produtores para aprofundar questões levantadas em outros momentos, além de averiguar outros pontos a respeito da realidade da produção. Para fomentar as discussões, realizou-se uma palestra em parceria com um técnico do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE) e os representantes do DIF, na oportunidade discutiu-se sobre o Cooperativismo e Associativismo na região e a importância de fortalecer o trabalho coletivo e associativista. Um dos indicativos importantes deste momento foi a constatação das dificuldades de articulação por parte dos produtores.

A análise dessa última etapa demonstrou que os agricultores acabam dando mais atenção às questões voltadas ao mercado do que as discussões voltadas para o melhoramento do Distrito de Irrigação Formoso. Constatou-se que existem conflitos de interesses entre os pequenos produtores e a gestão do distrito e alguns dos problemas identificados foram: a manutenção da infraestrutura das estradas no interior do projeto, a instabilidade dos preços dos insumos agrícolas e da taxa de água, além da desconfiança e insatisfação partindo dos produtores com a gestão do DIF. Por outro lado, os gestores do perímetro relataram também a dificuldade de reunir os produtores para tratar de assuntos que são pertinentes a própria realidade deles e a pouca participação dos irrigantes na gestão da infraestrutura do distrito de irrigação.

Durante pesquisa de campo, realizou-se ainda visitas as propriedades rurais devido às dificuldades que os produtores têm de se articular e deixar o trabalho nos lotes para participar de outras ações como reuniões e palestras. Cabe pontuar que os pesquisadores encontraram dificuldades para realizar as entrevistas até mesmo nas propriedades visitadas, se deparando com situações como: agendar a visita com o produtor/irrigante, ir até a propriedade uma, duas ou mais vezes e não conseguiu entrevistá-lo pois o mesmo estava envolvido com o trabalho na lavoura. Além desta estratégia de visita aos lotes, realizou-se também entrevistas com lideranças de associações presentes no Projeto Formoso, a exemplo da Associação Frutas Oeste e o Grupo Voo da Águia, que se encaixam como grupos/entidades de comercialização e que tratam de questões específicas da produção, insumos, preço do produto, venda, mercado consumidor e etc.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A partir da aplicação dos questionários semiestruturados direcionados aos produtores (Figuras 2 a 5), foi avaliado que apesar da produção agrícola ser denominada familiar, pela participação de alguns membros da mesma casa e pelo número maior de irrigantes com lotes pequenos no Projeto Formoso (média de 4,36 há por lote), pode-se levar a considerar que na realidade trata-se muito mais de uma agricultura empresarial de pequeno ou médio porte. Ou seja, um tipo de agricultura mecanizada e voltada muito mais para o mercado externo do que especificamente uma agricultura de conteúdo/base familiar. Este tipo de produção preconiza a “racionalidade econômica do mercado, pautada em parâmetros de produtividade, competitividade e lucratividade” conforme afirma Coelho Neto (2004, p. 103). É um tipo de agricultura mercadológica que não se preocupa necessariamente com a libertação do homem do campo, a soberania alimentar, a produção sustentável, a independência do produtor, mas foca muito mais em, somente, inseri-lo ao mercado, produzir lucros e volumes financeiros. Ela difere da visão de uma agricultura familiar camponesa ou simplesmente agricultura camponesa, defendida por autores como Oliveira (1991) e Fernandes (2001; 2004).

Cabe pontuar que o termo “agricultura familiar” evoca concepções não apenas de cunho teórico, mas políticos e socioeconômicos e que muitas vezes é utilizada apenas como contraponto a ideia de agricultura patronal. Fernandes (2004) sinaliza que nos últimos anos o “paradigma da agricultura familiar” que ganha adeptos de pesquisadores de várias áreas, especialmente no Brasil, é utilizado indiscriminadamente e sem critérios, desprovido de uma análise mais aprofundada por suas bases teóricas serem limitadas. Ao se debruçar sobre os termos “agricultor familiar” e “agricultor camponês” o autor estabelece uma dura crítica sobre a falsa aceção do fim do campesinato e enfatiza os equívocos das análises tecidas que desconsideram a realidade da questão agrária brasileira, a luta histórica pela terra e a o modelo de produção capitalista adotado atualmente que privilegia a grande propriedade e precariza e/ou exclui os produtores de menor renda.

Nos relatos dos produtores, a ausência de assistência técnica, investimentos e incentivos governamentais foram pontos destacados, tendo em vista que a carência destes fatores geram grandes prejuízos para os agricultores de menor porte. Um dos argumentados evidenciados é que devido a competição com grandes produtores, detentores de maior preparo econômico para os investimentos, os pequenos ficam em condição desigual. Esta realidade do perímetro de irrigação é antiga e em estudos anteriores Coelho Neto (2004) já apontava as características desta área de produção,

O movimento crescente de privilegiamento da iniciativa empresarial identificada na escala do Vale do São Francisco pode ser constatado no âmbito local, ou seja, na realidade específica do Projeto Formoso. As alterações no parcelamento das terras, que no projeto original de 1971, previa 80% do perímetro para implantação de colonos, culminaram com ocupação de apenas 38,39% por parte desta categoria de assentados. A destinação de 61,61% da área irrigável do perímetro para empresas implica o favorecimento do capital, num projeto construído com recursos públicos, cuja região apresenta elevado índice de concentração da terra, graves problemas sócio-econômicos e uma população predominantemente rural (COELHO NETO, 2004, p. 140).

Neste sentido, o Formoso que emergiu como um projeto de irrigação pública do Estado visando desenvolver a agricultura da região do Vale do Rio São Francisco surge, desde o princípio, se constituindo como “espaços seletivos na realidade regional e local, materializando diferenças espaciais em relação ao seu entorno” (COELHO NETO, 2004, p. 132). Esta realidade ficou evidente na medida que foram sendo realizadas as entrevistas de campo e que os empecilhos foram relatados pelos produtores. Este espaço seletivo contrasta não apenas em comparação com as demais áreas do Vale do São Francisco, mas internamente, no interior do próprio distrito irrigado, como a ausência de visita técnica aos pequenos agricultores a pelo menos 5 anos, conforme relatos colhidos em campo.

Os problemas apontados também se referem a infraestrutura das estradas (responsabilidade direta do distrito), preço dos insumos, água e dos custos no controle e combate as pragas (meio de pulverização com uso de aeronaves). Estas dificuldades enfrentadas cotidianamente prejudicam significativamente a renda do pequeno produtor, pois tais custos não possuem um preço estável e sem financiamento a problemática se acentua. Se agravam também quando a produção não atinge níveis suficientes ou quando o preço da banana cai muito, pois o produtor não consegue arcar com os próprios custos de produção, estando em grau de desigualdade/desvantagem em relação aos demais.

Durante a pesquisa optou-se por realizar as entrevistas apenas nos setores 09 e 11 do Formoso A, locais onde residem os filhos dos produtores e pesquisadores deste trabalho. Esta escolha se deu principalmente pela dificuldade em reunir todos os produtores do distrito, consideran-

Figuras 2 a 5 - Aplicação dos questionários com os produtores.



FONTE: Pesquisa de Campo, 2019.

do a extensão da área e as especificidades de um trabalho de iniciação científica com pesquisadores do ensino médio/técnico. Conforme dados fornecidos em campo pela gestão do distrito, os dois setores (09 e 11) somam aproximadamente 96 lotes, o que não significa que haja este total de agricultores, pois alguns deles possuem mais de uma propriedade. Para mobilização destes produtores adotou-se algumas estratégias com o apoio da gestão do DIF, destacando o envio de convites impressos para a reunião junto com a conta de água que é enviada mensalmente para os lotes. Realizou-se ainda a divulgação por meio de carro de som, percorrendo as ruas e áreas dos lotes entre dos setores 09 e 11, além de convites via redes sociais, por meio de aplicativos de mensagens. Visando tornar o encontro atrativo articulou-se a realização de uma palestra em parceria com o SEBRAE (Figura 6) para que os produtores pudessem se sentir mobilizados e atraídos para o evento.

Figura 6 - Palestra sobre associativismo ministrada pelo técnico do SEBRAE no auditório do distrito de irrigação. FONTE: Pesquisa de Campo, 2019



Na oportunidade questões como a diversificação da produção e a criação de uma Agroindústria para trabalhar com o subproduto da banana foram discutidas (doce de banana, biomassa da banana, geléias, etc), já que a “banana de segunda” e a “banana de descarte”² também possuem valor comercial, até mesmo fora da região de Bom Jesus da Lapa.

² As denominações banana de segunda e banana de descarte são atribuídas aos frutos que não possuem um valor comercial atrativo ou que são mais difíceis de serem comercializados.

Foram abordadas questões como a reativação de associações para concorrerem a editais públicos e fortalecer outras atividades relacionadas ao circuito produtivo da banana. Mas apesar de todo o esforço a adesão foi muito pequena e contou-se com a presença de menos de 6% dos produtores dos setores 9 e 11. Este indicativo foi um elemento importante na pesquisa pois reforçou o entendimento que não há articulação associativista entre os produtores ou ela é bastante frágil e desarticulada. Conforme consta no diagnóstico da Codevasf (2008), existiam dezoito organizações de produtores no Formoso, mas apenas sete delas estão ativas e voltadas exclusivamente para comercialização e atividades correlatas. Estes dados ratificam a baixa representatividade de associações no DIF.

Coelho Neto (2004, p. 170) já identificava em seus estudos que o Formoso “enfrenta dificuldades no que tange à organização dos irrigantes, embora possa ser observado um esforço de algumas lideranças no sentido de sua viabilização”. Acredita-se que a organização dos produtores em associações e cooperativas facilitaria a resolução de alguns problemas, a exemplo a contratação de assistência ou a parceria com projetos privados e/ou governamentais e no próprio enfrentamento de problemas referentes aos agricultores do Formoso.

Outro aspecto constatado na pesquisa indica que os produtores estão muito voltados para monocultura da banana não buscando alternativas para diversificar a renda com aproveitamento do fruto para produção/comercialização de subprodutos (doces, biomassa, farinha, etc) ou mesmo criação de cooperativas de produção, apesar de haver uma associação de mulheres que muito timidamente confecciona artesanato com a palha e fabrica doces (CODEVASF, 2008). Sobre este aspecto, Rocha (2016) sinaliza,

O predomínio da monocultura da banana é bastante intenso. A banana responde por 89% da área cultivada no Formoso, 7.292,10 ha, e representa 97% do Valor Bruto de Produção (VBP) de todo o perímetro de irrigação. A predominância da cultura da banana é ainda mais acentuada nos lotes familiares. Cerca de 94% da área de pequenos produtores e 98% de todo o faturamento (VBP) da área empresarial (ROCHA, 2016, p. 89).

Nas entrevistas foi possível identificar que em outros momentos já se buscou maneiras de diversificar a produção usando por exemplo a “banana de descarte”, ou banana com baixo valor comercial para agregar valor à renda, inclusive com apoio do próprio SEBRAE, mas o projeto não avançou muito conforme depoimento de um dos entrevistados,

[...]“não houve gestão. Na verdade, o produtor não quer largar a produção para ir buscar mais coisas. É mais trabalho” (Produtor 01, pesquisa de campo 2019).

O técnico do SEBRAE também relatou que em outros momentos já trabalhou com produtores do Formoso, na montagem de planos de negócios e no assessoramento de projetos para concorrer a editais, mas por causa da desarticulação política e associativista na região não houve avanços. O pouco interesse do produtor em diversificar a produção ou utilizar novas formas de exploração foi argumentado como algo importante pelos entrevistados, contudo um deles classifica a iniciativa como algo muito burocrático:

“O produtor sofre com a questão burocrática e análise técnica, que dificulta ainda mais o planejamento desses novos meios de produção” (Representante da Associação Frutas Oeste, pesquisa de campo 2019).

Assim, mesmo que iniciativas fossem adotadas os agricultores não conseguiriam arcar sozinhos com os custos de treinamento, avaliação, assistência técnica, organização para novas atividades entre outros, o que não se torna atrativo.

Dos onze questionários aplicados, observou-se que a maioria dos entrevistados possuem entre 30 e 39 anos, mas existem produtores com mais de 40 anos e que já residem há mais de 12 anos no distrito. A maioria deles são homens, existindo poucos lotes cujo os donos são mulheres. Quanto a condição dos lotes, grande parte possui lote próprio variando entre 1 e 3 unidades. Importante pontuar ainda que grande parte dos proprietários de lotes possuem baixa escolaridade e baixa condição de renda, problemas identificados no diagnóstico realizado em CODEVASF em 2008.

Sobre a renda que o lote oferece identificou-se que ela varia entre 1 a 3 salários mínimos a depender do preço da banana no mercado. Todos os entrevistados afirmaram somente produzir banana, não variando a

produção com outros cultivos, o que demonstra que estão voltados apenas para a monocultura do fruto. Além disso, a maioria deles possuem renda exclusiva do lote, o que pode ser um problema em tempos que a caixa da banana fica muito barata. Na fala de um dos entrevistados é possível compreender as razões desta questão.

“O pensamento do produtor é plantar banana. É difícil implantar uma nova cultura” (Produtor 02, pesquisa de campo 2019).

Observa-se que há ainda resistência em implantar novos cultivos ou diversificar a produção com subprodutos da banana, pois a maioria dos agricultores ainda estão envolvidos somente com a produção do fruto tendo dificuldades de superar estes problemas por questões culturais, técnicas ou financeiras. Mas apesar da predominância, existem áreas com plantio de citrus, mamão e iniciativas estimuladas por entidades de comercialização presentes no DIF.

“[...]a associação incentiva, mas nem todos aderem porque é difícil” (Representante da Associação Frutas Oeste, pesquisa de campo 2019).

Ainda na entrevista com membros das associações, uma outra circunstância foi considerada como problema: o fato de que nos últimos tempos, muitos produtores pequenos estarem sofrendo concorrência com comerciantes e indivíduos que não tem/tinham tradição de produção do fruto. Comerciantes de outros ramos de negócio foram atraídos pela produtividade da banana nos tempos de auge, acabaram adquirindo lotes (pequenos, médios ou grandes) e investiram no ramo agrícola. Estes novos produtores contudo, não vivem somente da produção agrícola sendo essa uma renda extra (são comerciantes de postos de gasolina, farmácias, etc). No relato seguinte é possível constatar esta evidência:

“[...]Entrou médico, advogado, dono de posto. Todo mundo atraído pela fama, daí gerou problemas” (Representante da Associação Frutas Oeste, pesquisa de campo 2019).

Assim o pequeno que só vive da produção acaba refém do fruto: se a produção e preço estão bons este consegue manter os custos, mas se os preços não estão atrativos têm prejuízos. A problemática se acentua levando a reconhecer que alguns sujeitos “respondem melhor à lógica que orienta o funcionamento da agricultura irrigada” (COELHO NETO, p. 132) e que “selecionar” sujeitos com renda maior, capital disponível e condições técnicas para expandir a produção é uma tendência histórica dos projetos de irrigação no Brasil. A partir destas evidências é possível afirmar que o Formoso não é um projeto voltado ou que incentive a pequena produção, que vise o acesso à terra de maneira democrática e justa, ou que busque transformar a vida de pequenos agricultores. Sua atuação está muito mais direcionada a produzir banana em larga escala e atrair investimentos altos para aumentar a produtividade deste seletor espaço.

É necessário refletir portanto que o sistema de produção no Formoso pode até se encaixar no modelo familiar – estritamente nos pequenos lotes - mas não no modelo de agricultura familiar camponesa. Observa-se que alguns produtores trabalham com membros da família, ajudando na produção do lote e/ou ainda contratam funcionários temporários no regime de “diária de serviço”. Mas, apesar de vários membros

da família na produção, o modelo desenvolvido não pode ser visto em sua essência como produção familiar local, de quem vive pela terra. É uma agricultura, até certo ponto, “familiar” com introdução tecnológica mas que deixa o produtor refém do mercado. A esse respeito um dos entrevistados afirmou:

“O nosso modelo não contempla a agricultura familiar. É outro modelo, é agronegócio. Lote familiar existe mas funciona como empresa” (Representante da Associação de Comercialização Vôo da Água, pesquisa de campo 2019).

Fica evidente que não se pode apenas caracterizar os pequenos produtores do distrito como agricultores familiares, mas compreender a complexidade desta questão: o fato deles possuírem lotes menores, pequena tecnologia, estarem inseridos no circuito produtivo de comercialização, inclusive exportando seu produto para outros estados, não lhes garante autonomia produtiva ou de decisão. Muitos deles vivem em condições precárias de produção/produktividade como veremos adiante.

Outros questionamentos realizados nas entrevistas abordaram os equipamentos/benefícios existentes na propriedade, os entrevistados relatam possuírem apenas água encanada que não é adequada para consumo doméstico e é praticamente usada apenas para irrigação da plantação. Para consumo humano, os produtores precisam comprar água mineral, mas os de menor acesso a renda acabam consumindo a água do canal de irrigação. Segundo dados da CODEVASF (2008) 60% das famílias de todo o distrito utilizam a água sem nenhum tratamento e apenas 36% delas realizam algum tipo de filtragem. A energia elétrica também está presente na maioria dos lotes, especialmente por conta do sistema de irrigação mecanizada, entretanto as propriedades não dispõem de coleta de lixo e rede de esgoto, como se evidencia nas Figuras 7 e 8.

Figuras 7 e 8 - Sistema de irrigação e pontos de rede elétrica nos lotes do Formoso A.

FONTE: Pesquisa de Campo, 2019



É preciso pontuar que a forma de irrigação dos pés de banana, no sistema de aspersão (Figura 7) também pode ser um fator problemático, já que por ser uma região muito seca o volume de água que evapora com a irrigação e no próprio canal de distribuição poderia ser evitado por sistemas de melhor eficiência. Outro fator problemático é que na falta de coleta de lixo, o mesmo é descartado de forma incorreta, seja dentro das propriedades ou nas vias de acesso (Figuras 9 e 10) e pode levar a contaminação do solo. Estas imagens e dados dos revelam certa a precariedade da condição das propriedades dos pequenos irrigantes.

Figuras 9 e 10 - Lixo descartado incorretamente e queimado a beira da estrada entre os lotes do Formosa A.

FONTE: Pesquisa de Campo, 2019



Mas sem dúvidas, a assistência técnica é um dos problemas mais relevantes na atual realidade do distrito. Esta tem resultados diretos na renda familiar pois com ajuda especializada o produtor poderia ter melhorias na produtividade ou até mesmo reduzir alguns custos extras. Nas entrevistas, visitas e conversas com os produtores, os mesmos relataram ser este um dos grandes problemas para produção de banana. Arelado a este fator, a fraca mobilização política e associativista no DIF tem imprimido dificuldades de mudanças nas ações e a melhoria da qualidade de vida dos agricultores que estão na dependência das leis de mercado e sem autonomia na condução das suas demandas econômicas e sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho possibilitou o aprofundamento a respeito do funcionamento da produção familiar no Distrito de Irrigação Formoso (DIF) de Bom Jesus da Lapa-Ba. Percebeu-se através de pesquisas bibliográficas e pesquisa de campo, que esse modelo de agricultura não se enquadra exclusivamente no padrão familiar e sim em um modelo de produção empresarial, mas que privilegia os maiores produtores. O uso do termo agricultor familiar pode se relacionar, por exemplo ao tamanho dos lotes (pequenos) e a pouca mão de obra adotada nas propriedades, mas não no conceito político e social. Há ainda inúmeras dificuldades enfrentadas pelos produtores agrícolas de pequeno porte no âmbito socioeconômico/geoeconômico, por conta das condições de precarização da produção e insuficiência na renda.

Observou-se que os pequenos produtores estão na dependência da monocultura da banana e não encontram outros meios para diversificar a produção. Os custos são altos, principalmente o gasto com energia elétrica por conta do período de horas necessário para irrigação dos pés de banana. Percebeu-se uma baixa adesão dos produtores aos novos meios de exploração provocado pela burocracia no registro de mercadorias ou mesmo na dificuldade de introdução de outras culturas. Isto pode ser um aspecto negativo caso haja, por exemplo, a ocorrência de pragas na região.

As anotações realizadas em campo e as entrevistas indicaram a existência de um interesse de mobilização muito mais voltado para comercialização e venda da banana. O produtor foca mais no produto final sem pensar no processo e em outras questões como diversificação da produção ou reaproveitamento do fruto. Por outro lado, o foco na produção da banana e a especialização desta cultura elevou o recorte ao título de "Maior Produtor do Brasil" e a iniciativas como a construção de uma proposta para reconhecimento do território como produtor de banana

na Bahia. Este interesse tem levado a diversas articulações para estruturação da Indicação Geográfica³ da Banana do Formoso, conforme dados coletados em campo e em diversas reuniões que os pesquisadores deste trabalho participaram. Assim uma grande contradição persiste no espaço investigado, por um lado o Formoso e o seu entorno movimenta um circuito muito específico para a cultura da banana, questão que pode ser percebida pela estrutura do comércio da área chamada "Portaria", onde há presença de estabelecimentos diversos: posto de gasolina, lojas específicas para material de irrigação e insumos, etc. Por outro lado, muito agricultores convivem com a ausência de acesso a serviços básicos como água encanada, esgotamento sanitário e coleta de lixo.

³ O termo Indicação Geográfica é bastante utilizado para reconhecer um espaço que tem naquele produto um diferencial em relação as outras áreas.

A carência de assistência técnica é também um fator muito relatado pelos agricultores e que tem resultados diretos na renda familiar pois se houvesse uma ajuda especializada o produtor poderia ter melhorias na produtividade, como também reduziria alguns custos. Após as etapas de campo observou-se que há pouca articulação de informações entre os produtores e a gestão do distrito causado por desconfiças e questionamentos na manutenção do DIF, além de haver uma falta de conhecimento, por parte de alguns produtores das responsabilidades de gestão desta área.

Observou-se também que o Projeto Formoso além da cultura agrícola, encontra dificuldades na atuação política dos produtores. O direcionamento deste trabalho indica que as melhorias efetivas e os ganhos operacionais, econômicos e financeiros só poderão ser melhores equalizadas se houver uma cultura de atuação política/associativista consolidada pois a partir da mobilização dos produtores, processos de atuação coletiva poderão ser acionados, visando a superação dos problemas em conjunto e possibilitando ganhos reais aos que residem no referido recorte produtivo.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano, a gestão do Campus Bom Jesus da Lapa e ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq pelo financiamento do projeto.

REFERÊNCIAS

BAHIA TEM MAIOR PRODUTOR DE BANANA DO PAÍS. Jornal A Tarde. Disponível em: <http://www.unifacs.br/wp-content/uploads/2017/06/Jornal-A-Tarde-Formoso.pdf>. Acesso em 19 de Abril de 2018.

CODEVASF – COMPANHIA DE DESENVOLVIMENTO DOS VALES DO SÃO FRANCISCO E PARNAÍBA. 2ª SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL. **Diagnóstico socioeconômico e ambiental do Perímetro de Irrigação Formoso**. Bom Jesus da Lapa, 2008.

COELHO NETO. Agripino Souza. **As repercussões espaciais das políticas de irrigação no Vale do São Francisco**: uma análise do Projeto de Irrigação Formoso no Município de Bom Jesus da Lapa (Ba). (Dissertação de Mestrado- Programa de Pós-Graduação em Geografia. Universidade Federal da Bahia. Instituto de Geociências, 2004.)

..... A irrigação no Médio São Francisco e a produção da seletividade sócio-espacial. In: SEI. (Org.). **Desenvolvimento Regional: Análises do Nordeste e da Bahia**. 1ed.Salvador: SEI, 2006, v. , p. 113-125.

COMPANHIA DE DESENVOLVIMENTO DOS VALES DO SÃO FRANCISCO E DO PARNAÍBA – CODEVASF. Projeto Formoso A/H. 2018. Disponível em: <http://www.codevasf.gov.br/principal/perimetros-irrigados/elenco-de-projetos/formoso-a-h>. Acesso em: 18 de Abril de 2018.

FERNANDES, Bernardo Maçano. **Questão Agrária, Pesquisa e MST**. São Paulo, Cortez Editora, 2001.

----- Espaços agrários de inclusão e exclusão social: novas configurações do campo brasileiro. **Agrária (São Paulo)**, São Paulo - SP, v. 1, p. 16-36, 2004. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/agraria/article/view/75>. Acesso em 20 de Novembro de 2019.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Pesquisa Agrícola Municipal (PAM). Município de Bom Jesus da Lapa. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/pam/tabelas>. Acesso em 01 de Maio de 2018.

KUMMER, L. **Metodologia participativa no meio rural**: uma visão interdisciplinar. conceitos, ferramentas e vivências. - Salvador: GTZ, 2007. 155p.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. **A agricultura camponesa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1991.

ROCHA, Demétrios Pascoal de Almeida. **Projeto Formoso**: impactos socioeconômicos e ambientais no município de Bom Jesus da Lapa-Ba. 2016. 240 f.: (Dissertação em Desenvolvimento Regional e Urbano, Unifacs - Universidade Salvador, Salvador 2017).